REVISTA DIVERSIDAD DE LAS CULTURAS
Ciencias Sociales, Artes, Humanidades
Argentina... Brasil... Latinoamérica toda...
ISSN: 2718-8310
Vol. 6, N°1 (2026)

DAS LUTAS SOCIAIS NOS ERVAIS DA FRONTEIRA DO BRASIL COM O PARAGUAI E A ARGENTINA: HISTÓRIA ORAL DE UMA GREVE DE TRABALHADORES(AS) RURAIS NA DÉCADA DE 1940*

DE LAS LUCHAS SOCIALES EN LOS YERBALES DE LA FRONTERA DE BRASIL CON PARAGUAY Y ARGENTINA: HISTORIA ORAL DE UNA HUELGA DE TRABAJADORES(AS) RURALES EN LA DÉCADA DE 1940

SOCIAL STRUGGLES IN THE YERBA MATE PLANTATIONS ALONG BRAZIL'S BORDER WITH PARAGUAY AND ARGENTINA: AN ORAL HISTORY OF A RURAL WORKERS' STRIKE IN THE 1940S

Dr. Jiani Fernando Langaro
jflangaro@ufg.br

RESUMO

O texto discute as memórias de trabalhadores rurais que participaram de uma greve na Companhia Mate Laranjeira, na década de 1940, na região do antigo Sul de Mato Grosso (atual Sul de Mato Grosso do Sul). No período, a Companhia era a maior empresa extrativista de erva-mate do Brasil, cujo produto era, em sua maioria, exportado para a Argentina. Os(as) trabalhadores(as) dos ervais fronteiriços costumam ser lembrados como vítimas da violência existentes no interior das grandes explorações ervateiras da fronteira, que incluía o trabalho em condições análogas à escravidão. Entretanto, a historiografia brasileira pouco menciona as lutas sociais empreendidas por esses sujeitos, embora menções a elas sejam recorrentes na documentação do período. O artigo, por seu turno, se propõe analisar entrevistas orais realizadas na década de 1990, no âmbito de um projeto de história oral realizado pelo Arquivo Público de Mato Grosso do Sul. Entre os diversos temas lembrados pelos(as) trabalhadores(as) entrevistados(as), a greve da década de 1940 foi um deles.

Palavras-chave: Obrages; Mensus; Companhia Mate Laranjeira.

RESUMO

El texto analiza los recuerdos de los trabajadores rurales que participaron en una huelga en la empresa Compañía Mate Laranjeira, en la década de 1940, en la región del antiguo sur de Mato Grosso (actual sur de Mato Grosso do Sul). En aquella época, la empresa era la mayor extractora de yerba mate de Brasil, cuyo producto se exportaba en su mayor parte a Argentina. Los(as)

REVISTA DIVERSIDAD DE LAS CULTURAS
Ciencias Sociales, Artes, Humanidades
Argentina... Brasil... Latinoamérica toda...
ISSN: 2718-8310
Vol. 6, N°1 (2026)

trabajadores(as) de los campos de yerba mate fronterizos suelen ser recordados(as) como víctimas de la violencia existente en el interior de las grandes explotaciones de yerba mate de la frontera, que incluía condiciones de trabajo análogas a la esclavitud. Sin embargo, la historiografía brasileña apenas menciona las luchas sociales emprendidas por estos sujetos, aunque las referencias a ellas son recurrentes en la documentación de la época. El artículo, por su parte, se propone analizar entrevistas orales realizadas en la década de 1990, en el marco de un proyecto de historia oral llevado a cabo por el Archivo Público de Mato Grosso do Sul. Entre los diversos temas recordados por los trabajadores entrevistados, la huelga de la década de 1940 fue uno de ellos.

Palabras-clave: Obrajes; Mensús; Compañía Mate Laranjeira.

ABSTRACT

This article examines the memories of rural workers who participated in a strike at the Companhia Mate Laranjeira during the 1940s in the former southern region of Mato Grosso (present-day southern Mato Grosso do Sul, Brazil). At the time, the company was the largest yerba mate extraction enterprise in Brazil, with most of its production exported to Argentina. Rural workers in the yerba mate plantations along the border have generally been remembered as victims of the violence that characterized the large-scale yerba mate enterprises, including labor performed under conditions analogous to slavery. However, Brazilian historiography has paid little attention to the social struggles undertaken by these workers, even though references to such struggles are recurrent in contemporary documentation. This article analyzes oral interviews conducted in the 1990s as part of an oral history project developed by the Public Archive of Mato Grosso do Sul. Among the various topics recalled by the interviewees, the strike of the 1940s emerged as a significant episode.

Keywords: *obrages*; *mensus*; Companhia Mate Laranjeira.

REVISTA DIVERSIDAD DE LAS CULTURAS
Ciencias Sociales, Artes, Humanidades
Argentina... Brasil... Latinoamérica toda...
ISSN: 2718-8310
Vol. 6, N°1 (2026)

Introdução

Durante a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, pontilharam a fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, explorações de erva-mate e madeira, algumas vezes denominadas de obragens (Wachowicz, 1982; Colodel, 1988). Esses produtos nativos da flora sul-americana eram extraídos e exportados por via fluvial à Argentina. O maior desses empreendimentos a atuar no Brasil foi a Companhia Mate Laranjeira, empresa de capital misto, brasileiro e estrangeiro (principalmente argentino). Essa empresa explorou uma ampla área de ervais nativos no então Sul de Mato Grosso (atual estado de Mato Grosso do Sul), que chegou a se estender por mais de cinco milhões de hectares. A companhia possuía também uma área no estado do Paraná, onde mantinha a cidade de Guaíra, local de exportação da erva-mate por via fluvial (em rio homônimo à unidade da federação). A sede dos trabalhos da empresa em Mato Grosso era Campanário, outra cidade privativa da Mate Laranjeira (Arruda, 1997; Guillen, 1991).

Laboravam majoritariamente nesses empreendimentos paraguaios e indígenas guaranis. Todavia, ali também trabalharam brasileiros e argentinos, muitos deles provenientes da província de Corrientes (Arruda, 1997; Guillen, 1991). Pesam sobre essas empresas denúncias de manutenção de relações de trabalho análogas à escravização, bem como do uso de extrema violência no cotidiano laboral.

A historiografia brasileira das décadas de 1980 e 1990 se debruçou sobre essa questão. De acordo com Ruy Christowam Wachowicz (1982), no caso dos trabalhadores oriundos do Paraguai atuantes no Oeste do estado brasileiro do Paraná, incluso Guaíra, cidade pertencente à Companhia Mate Laranjeira, eles recebiam um adiantamento, chamado de *antecipo*, quando de sua contratação. Isso ocorria em Posadas, na Argentina, onde o dinheiro era gasto ali mesmo. Sem recursos, os trabalhadores embarcavam para as explorações de erva-mate e madeira da fronteira, em cujos armazéns se endividavam para adquirir os gêneros de que necessitavam. Contribuía para isso os altos preços praticados por esses estabelecimentos.

Gilmar Arruda (1997), historiador que mais aprofundou a análise das relações de trabalho vigentes na Companhia Mate Laranjeira, revelou que práticas semelhantes ocorriam em cidades paraguaias. Muitas vezes os trabalhadores eram convidados para uma festa e, no meio dela, a música parava de tocar e o dono do estabelecimento, acompanhado de autoridades policiais, aparecia para cobrar a conta. Nesse momento, um agenciador de trabalhadores à serviço das obragens se oferecia para saldar a dívida, em troca de uma temporada de trabalho nos ervais. Uma vez neles, os trabalhadores se endividavam nos armazéns, em processo semelhante ao já descrito.

Uma diferença, no entanto, marca as perspectivas com que ambos os autores concebem esses processos. Para Wachowicz (1982), o *antecipo* é uma forma de submissão e de opressão dos trabalhadores, que, graças a esse instituto, são forçados a loaborar em condições análogas à escravização. Para Arruda (1997), o *antecipo* precisa ser pensado com maior cuidado. Esse

REVISTA DIVERSIDAD DE LAS CULTURAS
Ciencias Sociales, Artes, Humanidades
Argentina... Brasil... Latinoamérica toda...
ISSN: 2718-8310
Vol. 6, N°1 (2026)

instituto poderia ser uma conquista dos trabalhadores, pois, sem ele, não seria possível a contratação de mão-de-obra paraguaia para os ervais. Em síntese, não se aceitava trabalhar nos ervais sem que fosse pago o *antecipo*.

Uma questão que permanece nebulosa se refere a como esses trabalhadores percebiam as relações laborais em que estavam imersos. A historiografia brasileira ainda carece de uma melhor compreensão sobre como essas pessoas referenciavam as relações de trabalho em sua "cultura", entendida como processos geradores de modos de vida, tal qual preconizado por Raymond Williams (1979). Além disso, estudos que tomem como ponto de partida fontes reveladoras dos olhares dos próprios trabalhadores sobre sua "experiência", no sentido atribuído ao conceito por Edward Palmer Thompson (1981, 1987), também ainda são necessários.

Alcançar as memórias de quem trabalhou nos ervais da fronteira sempre foi uma tarefa hercúlea para os pesquisadores que se dedicaram a temática. Praticamente todos tiveram que se contentar com registros indiretos, ou seja, narrativas de outrem sobre esses trabalhadores, na impossibilidade de conseguir obter suas próprias vozes. Mesmo Gilmar Arruda (1997), lamentou essa situação, narrando a si mesmo em terceira pessoa, ao utilizar para a introdução de seu brilhante trabalho de pesquisa a metáfora de uma ferrovia:

> Ao chegar nas estações, o historiador que pensava encontrar facilmente os trabalhadores procurados ficou atônito, pois eles haviam aparentemente desaparecidos [sic]. Não deixaram depoimentos e ninguém sabia informar onde encontrá-los. Poder-se-ia ter contornado essa dificuldade procurando e gravando seus depoimentos. Mas foi impossível. Não se conseguiu localizá-los. Ninguém sabia informar onde poderia morar um "ex-mineiro" ou um "ex-barbaquazeiro". Os depoimentos tomados e utilizados neste trabalho são de pessoas da administração da Matte, ligadas à direção do processo de produção (Arruda, 1997: 11-12).

Essa certamente foi uma dificuldade vivida por todos os pesquisadores que investigaram a primeira metade do século XX. É notável como a história oral foi parcamente utilizada como fonte de pesquisa para os estudos sobre os ervais fronteiriços. Também não há registro do uso de outras fontes, como diários e álbuns fotográficos, que também poderiam proporcionar um contato mais direto com as maneiras de viver e com olhar desses trabalhadores sobre suas próprias experiências sociais. E o problema, como bem ressaltou Arruda (1997), não foi a falta de vontade de historiadores em utilizar essas tipologias documentais.

Nós mesmos já passamos por essa dificuldade. Na segunda metade da década de 2000, realizamos uma série de entrevistas com "descendentes de paraguaios", na busca por um diálogo com suas memórias pessoais e familiares. Era visível a recusa deles em falar do trabalho nos ervais e a predileção pelas passagens em que as famílias haviam atuado na "colonização do

REVISTA DIVERSIDAD DE LAS CULTURAS
Ciencias Sociales, Artes, Humanidades
Argentina... Brasil... Latinoamérica toda...
ISSN: 2718-8310
Vol. 6, N°1 (2026)

Oeste paranaense", marco triunfante e ufanista da conquista da fronteira pelo Estado brasileiro. Ficava claro que os trabalhadores entrevistados preferiam ser lembrados como "heróis fundadores" da região a "ex-escravizados". Essa opção é compreensível, pois ser "pioneiro",[1] naquela região, é algo que empodera os trabalhadores. Além disso, a participação na "colonização" foi uma experiência vivida diretamente pelos narradores, ao passo que o trabalho nos ervais era restrito aos seus pais.

Portanto, todos esses elementos são indicativos da dificuldade em se obter fontes de pesquisa que permitam um diálogo mínimo, com os próprios trabalhadores, sobre suas experiências nos ervais. Felizmente, na década de 1990, houve quem se debruçou sobre esse problema e obteve êxito, na tentativa de resolvê-lo, conforme veremos a seguir.

O Arquivo Público do Estado de Mato Grosso do Sul e o projeto "A história dos ervais sob a ótica dos trabalhadores rurais"

Em 1997, a equipe do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso do Sul dinamizou um projeto cultural. Tal iniciativa focava nas memórias dos trabalhadores que atuaram na erva-mate, no sul do estado. A ideia do projeto nasceu após o Arquivo receber, para preservação, o acervo documental da Companhia Mate Laranjeira e constatar-se que as vozes dos trabalhadores não apareciam em nenhum material daquele fundo documental. Foi nesse momento que a equipe do arquivo realizou uma exposição fotográfica itinerante, acompanhada da produção de entrevistas orais, cujas transcrições foram publicadas em livro.

Foram realizadas, no total, 35 entrevistas orais; seis delas com mulheres, o restante com homens. Não há registro se, entre os entrevistados, existiam indígenas ou se o grupo de interlocutores da pesquisa se restringiu a não-indígenas. Fica visível, no entanto, a origem paraguaia da maioria dos entrevistados e/ou de suas famílias.

Na sequência, os depoimentos orais foram transcritos, conforme afirma Figueira (2000), com a máxima fidelidade para com a fala dos narradores. Ao fim, "Sabedores da fragilidade da organização do patrimônio documental e do desconhecimento acerca de nosso passado [...]" (Figueira, 2000: 2), publicou-se um livro contendo as transcrições. A obra foi distribuída nas escolas do estado, como forma de incentivar seu uso nas aulas de história regional.

A intuição da equipe estava correta e, atualmente, passados quase trinta anos da realização do projeto, as entrevistas orais não constam mais do acervo do Arquivo Público, segundo nos informaram em visita à instituição. Sobreviveu ao tempo a publicação em livro, talvez como

[1] Regionalmente, "pioneiro" é um título conferido a quem participou da "colonização do Oeste paranaense". A esse respeito, ver: Langaro (2019).

REVISTA DIVERSIDAD DE LAS CULTURAS
Ciencias Sociales, Artes, Humanidades
Argentina... Brasil... Latinoamérica toda...
ISSN: 2718-8310
Vol. 6, N°1 (2026)

testemunho de uma concepção de história oral em que a fonte era a transcrição, e não os áudios dos depoimentos orais.

Diante da realidade encontrada, nos vimos em uma encruzilhada: abandonar o projeto de pesquisa, por entender que o acervo de história oral a ser pesquisado era imperfeito ou tentar trabalhar com aquilo que sobreviveu ao tempo. Nossa opção foi pela segunda alternativa, por entender que, mesmo com as fragilidades da documentação, um retrato da realidade da maioria dos arquivos brasileiros, ela é muito rica e apresenta grande potencial para o estudo da história, graças ao seu ineditismo. Compreendemos que cabia a nós darmos o devido trato metodológico a esse material, ao invés de simplesmente descartá-lo.

Nosso estudo se enquadra, portanto, no campo de investigação que lida com entrevistas orais de arquivo. Para trabalhar com elas, é necessário o recurso a uma metodologia específica. Uma referência para esse trabalho é Heloisa Helena Pacheco Cardoso (2004) e a pesquisa que a autora desenvolveu no acervo de história oral do Arquivo Público do Distrito Federal. Constituído na década de 1990, a equipe do arquivo buscou registrar entrevistas com diferentes grupos sociais que participaram da construção de Brasília, ocorrida nos anos 1950, para servir como nova capital federal brasileira. A pesquisadora iniciou sua análise historicizando o Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal, com foco nas mediações que estiveram presentes na produção das entrevistas orais. Só então ela passou a refletir sobre o conteúdo da entrevista oral que escolheu problematizar, de Eronildes Guerra de Queiroz.

No caso aqui analisado, o projeto que deu origem ao livro *A história dos ervais sob a ótica dos trabalhadores rurais* (Arquivo Público Estadual [MS], 2000) contou com uma equipe dotada de formação acadêmica. Entre seus integrantes estavam, como coordenadoras de pesquisa, a historiadora e arquivista Kátia Cristina Nascimento Figueira e a historiadora Carla Villamaina Centeno.

É perceptível que a equipe estudou as relações de trabalho existentes nos ervais do então sul de Mato Grosso. Com base nisso, o roteiro de perguntas foi formulado para as entrevistas temáticas realizadas. Ele variava de acordo com o entrevistado, mas, em linhas gerais, começava com perguntas pessoais e terminava com uma avaliação sobre as contribuições da Companhia Mate Laranjeira para o estado.

A depender do entrevistado, se perguntava sobre as relações de trabalho, as condições de salubridade encontradas em diferentes funções, a violência perpetrada pela companhia contra trabalhadores que fugiam dos ervais sem quitar suas dívidas, uma greve ocorrida nos anos 1940, uma revolta liderada por um posseiro e ervateiro independente, na década de 1930, o qual tinha contendas com a empresa, que, por seu turno, pretendia monopolizar os ervais do então sul de Mato Grosso. Em alguns momentos, no entanto, as entrevistas se limitaram a verificar se os narradores conheciam certas pessoas ligadas à direção da empresa, se testemunharam determinados eventos, como a visita de Getúlio Vargas à Mate Laranjeira, ou se sabiam como

REVISTA DIVERSIDAD DE LAS CULTURAS
Ciencias Sociales, Artes, Humanidades
Argentina... Brasil... Latinoamérica toda...
ISSN: 2718-8310
Vol. 6, N°1 (2026)

eram dinamizados determinados processos inerentes ao funcionamento da empresa, dentre outros temas.

Salta aos olhos a perspectiva crítica com que a equipe do projeto conduziu as entrevistas. Os conflitos e os aspectos negativos da Companhia Mate Laranjeira, nas relações com seus trabalhadores, não foram ocultados. Pelo contrário, compuseram o escopo das perguntas. Contribuiu para isso o tema ser amplamente conhecido. De acordo com Isabel Cristina Martins Guillen (1991), na década de 1930, denúncias desse escopo circularam na imprensa nacional. A empresa, no entanto, se defendeu, de maneira a tentar justificar suas práticas. De toda forma, segundo a autora, a Companhia Mate Laranjeira possuía má fama nacional, no que tange às relações de trabalho. Atestado disso seria o fato de a Companhia Mate Laranjeira ter sido mencionada como exemplo de escravização, por Patrícia Galvão (2013), mais conhecida pelo apelido Pagú, escritora expoente do movimento modernista brasileiro, em seu romance operário *Parque Industrial*, publicado originalmente em 1933.

Toda essa questão, sobre as duras relações de trabalho que vigiam nos ervais e a violência que as acompanhava, foi muito denunciada ao longo da primeira metade do século XX. Por isso, quando da realização da entrevista, em 1997, o tema era amplamente conhecido. Tratá-lo publicamente, em um projeto devotado às memórias regionais, dificilmente renderia um processo judicial aos entrevistados ou ao Arquivo Público.

Dessa maneira, diversos elementos da violência contra os trabalhadores são discutidos nas entrevistas. Entre eles, constam referências à proibição dos trabalhadores deixarem os ervais sem quitar suas dívidas com a Companhia; a prática de se pagar os valores devidos deixando a esposa nos ervais, uma prática flagrante não só de violência laboral, mas também de gênero; a figura dos comitiveiros, uma milícia própria da Companhia que perseguia e matava os trabalhadores que tentavam fugir dos ervais.

Entretanto, o projeto não resumiu as existências desses trabalhadores ao labor. Outras dimensões de suas vidas têm visibilidade nas narrativas orais dos entrevistados, como o lazer, a religiosidade, as festas, a música, dentre outros elementos cotidianos. Além disso, eles não são apresentados como vítimas passivas das violentas relações de trabalho vigentes na Companhia Mate Laranjeira. Práticas de resistência e suas lutas sociais também têm espaço na publicação. Elas variam de intensidade. As falas abordam desde resistências cotidianas, como xingar o encarregado no meio da noite ou da mata com palavrões, por meio de uma linguagem própria dos ervais, o *Mburêo*, feita por meio de "gritos" (Arquivo Público Estadual [MS], 2000: 176), até outras práticas de maior impacto. Uma delas foi a Greve de 1941, tratada como a primeira ocorrida nos domínios da Companhia, que se tornou um marco na história da Mate Laranjeira, conforme veremos a seguir.

REVISTA DIVERSIDAD DE LAS CULTURAS
Ciencias Sociales, Artes, Humanidades
Argentina... Brasil... Latinoamérica toda...
ISSN: 2718-8310
Vol. 6, N°1 (2026)

A greve de 1941 na Companhia Mate Laranjeira em narrativas orais do projeto "A história dos ervais sob a ótica dos trabalhadores rurais"

Diversos trabalhadores, com quem dialogou a equipe do projeto do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso do Sul, lembram da greve de 1941. Alguns a narram, colocando-se como meras testemunhas dos acontecimentos que a envolveram, ao passo que outros se apresentam como sujeitos ativos de sua realização.

Um dos narradores que lembram desse movimento é Victor Candado (2000). Ele nasceu em Campanário, então Sul de Mato Grosso, no ano de 1923. No momento da entrevista, residia em Ponta Porã, na porção meridional de Mato Grosso do Sul, na fronteira com o Paraguai. Entre 14 e 16 anos de idade começou a trabalhar, tendo participado da greve aos 17, quando então era assistente de seu irmão, *guaino*, no vocabulário guarani dos ervais. Nas palavras de Candado:

> Aí se ajuntavam os trabalhadores de todos os cantos, de todos os cantos dessas regiões de dentro de Campanário para fazer essa greve. Teve uma greve mais ou menos de 24 horas de greve, um movimento danado, tinha gente chorando, tinha gente reclamando da vida "que vamo fazer? Que vai acontecer?" Aí quando prenderam, chegamos na (...) Que chamava aquele tempo em Campanário. Prenderam o dirigente do movimento e o povo se agitou, o dirigente era o Máximo Espíndola, já faleceu, um tal de Maciel e mais quatro pessoas, não me lembro o nome que era molecote aquele tempo né. Então a greve executou a justiça e nós descemos a Ponta Porã, todo esse povo ia de caminhãozinho, caminhãozinho de mais ou menos 500 kg, daqueles vagabundos, e enchia e ia prá Ponta Porã, toda essa turma, alguns dos meus companheiros se revoltaram e voltaram para trás e não acompanhou a gente (Candado, 2000: 172. Supressão no original).

Nessa passagem, Candado explica que a greve durou, incialmente, 24 horas. Entretanto, com a prisão de algumas lideranças, o movimento cresceu. Outros tantos trabalhadores resolveram acompanhá-los a Ponta Porã, onde ficava a delegacia de polícia. Nesse relato, os medos e incertezas dos grevistas aparecem claramente, pois eles sabiam da truculência com que a Companhia e o Estado os tratava. Por isso, não sem razão, temiam por seus futuros. A mobilização também não aparece como algo uníssono, como bem demonstra o relato da desistência de certos trabalhadores, que, no meio do caminho, resolveram voltar para Campanário. Ao prosseguir com seu relato, Candado explica as motivações para o movimento paredista:

> O sentido da greve era os preços dos trabalhos do quilo, o quilo de cada folha que os colhedores vai trazer aqui na primeira parada custava 200 réis e arrouba desse produto era 12,5 kg, arrouba chamava-se libra, naquele tempo não se usava quilo e sim libra. Então, quer dizer, se a

REVISTA DIVERSIDAD DE LAS CULTURAS
Ciencias Sociales, Artes, Humanidades
Argentina... Brasil... Latinoamérica toda...
ISSN: 2718-8310
Vol. 6, N°1 (2026)

> pessoa vai trazer desse arrouba, então vai ter que trazer 12,5 kg arrouba para fazer 03 arrouba, 200 réis a arrouba, veja bem! (Candado, 2000: 172).

O relato não é claro quanto aos motivos do descontentamento dos trabalhadores. Seria com relação ao preço pago pelo produto? Seria em função de discordâncias com relação às unidades de pesagem utilizadas na época? Adiante, analisaremos os relatos de outros trabalhadores, que explicarão melhor essa questão. Prosseguindo, Candado ressalta as difíceis condições de vida de quem labutava nos ervais:

> E tinha gente que vinha do Paraguai, porque esse povo quase todo do Paraguai, alguns deles argentinos, outros daqui, então, esse povo deixaram a família, noivas, e vinham com contrato de seis meses e seis meses voltariam para o Paraguai. Mas voltariam de que jeito? vieram tudo a pé e teriam que voltar de a pé, não tinha meio de transporte, o coitado que não sabe trabalhar no mato ficou devendo, não pode pagar a conta fica dois, três anos naquele sacrifício, não aproveita da vida, de nada, amanhece no mato e anoitece no mato sofrendo. Muitas vezes a pessoa, como aconteceu, se juntavam de 3 a 4 pessoas e fugiam, em busca da vida, aborrecido, com saudades da família, não tem jeito mais, vamos fugir, vamos encarar a vida, encarando essa vida muita gente foi morto na estrada pelos jagunços da Cia Mate Larangeira (Candado, 2000: 172-173).

Como podemos notar, o narrador se sensibilizava com os outros trabalhadores da Companhia Mate Laranjeira, a quem caracteriza como pessoas “sofridas”. No trecho acima, Candado relata as dificuldades vividas por elas, que se organizavam para passar seis meses nos ervais, mas, em função de suas dívidas, viam esse período ser majorado. Fugir era uma possibilidade arriscada, haja vista os trabalhadores poderem ser assassinados pelos comitiveiros. No enredo construído por Candado, certos sentimentos ganham relevo, como a saudade da família, que os trabalhadores queriam muito reencontrar. Ele é tratado como motivador de fugas, mas também da greve, conforme sua narrativa:

> Quando acabou a greve, depois de uns dias lá na Delegacia, ficamos por lá esperando solução, diziam que tinha uma verba com, para cada pessoa trabalhador que vinha não sei de onde e que esperasse para receber essa verba, e o povo não pode esperar. A família ficou para trás e queria voltar e atender a sua família e o povo voltavam para a família e alguns que ficou mais perto, esse Máximo Espíndola tendo voltado lá novamente depois de um mês mais ou menos disse que a verba se acabou, não tem mais verba, acabou, não sei se veio, só sei que posso dizer da Cia Mate Larangeira (Candado, 2000: 173).

REVISTA DIVERSIDAD DE LAS CULTURAS
Ciencias Sociales, Artes, Humanidades
Argentina... Brasil... Latinoamérica toda...
ISSN: 2718-8310
Vol. 6, N°1 (2026)

Na versão de Candado, ao fim da greve, os trabalhadores não somente foram libertados da prisão, mas também dos ervais. Parte deles teria recebido, ainda, uma indenização que, nos casos em que foi paga, demorou muito para os recursos serem liberados. Por isso, muitos trabalhadores optaram apenas por aproveitar a liberdade para voltar aos seus lugares de origem.

Respondendo aos questionamentos da equipe do Arquivo público, Candado ainda disse que a greve durou aproximadamente quinze dias e paralisou completamente a Fazenda Campanário, haja vista a base dos trabalhos, situada nos ervais, ter sido interrompida em seu desenvolvimento. Além disso, o narrador destacou que, "[...] Quando acabou a greve muitos voltaram e não teve punição para os grevistas, não teve" (Candado, 2000: 173). Em sua versão, a greve foi vitoriosa, pelo menos parcialmente.

Perspectiva diferente, sobre essa greve, foi a de Délio Mareco (2000), nascido em 1915 em Amambai, no então Sul do estado de Mato Grosso. Na época em que a entrevista foi realizada, ele era residente de Ponta Porã, mesma cidade de Candado. Com quatorze anos, por volta de 1929, Mareco começou a trabalhar na Companhia Mate Laranjeira. Desempenhava a função de mineiro, categoria de trabalhadores que atuava na coleta das folhas de erva-mate e no transporte das sacas até os pontos de recolha mais próximos. Segundo o narrador, tais bolsas pesavam entre 180 e 200 kg, sendo transportadas por 280 metros a dois quilômetros. Esses trabalhadores compunham a base da pirâmide laboral da empresa.

Conforme explica Mareco, em 1941, os preços das mercadorias comercializadas nas vendas da Companhia, que já eram altos, não paravam de subir, ao passo que o da erva-mate continuava baixo.[2] Foi então que doze trabalhadores foram conversar sobre a questão e acabaram presos, dado início ao movimento paredista:

> [...] Aí começou por causa dos companheiros que estavam presos. Aí nós fomos em cima do Raul Mendes [um dos chefes da empresa], porque a políocia [sic] levou todos nós a Ponta Porã e todos fomos presos, setenta e três, e daí o tenente Paulo falou pra nós "Não vou passar fogo, não". E aí passamos cinco dias lá em cima brincando, cantando, tocando violão. De dois em dois ia soltando até acabar. (Mareco, 2000: 160).

Na perspectiva de Mareco, diferentemente, de Candado, não houve uma primeira paralização de 24h, seguida de uma greve de aproximadamente quinze dias. A greve, para Mareco, teria sido constituída somente pelo segundo processo. Como reação à paralização das atividades, a direção da Companhia acionou a polícia. No Brasil, as polícias são mantidas pelos governos estaduais, por isso, o governo de Mato Grosso – sobre o qual a Companhia Mate Laranjeira

[2] Essa informação também está presente nas entrevistas de Idelfonso Centurião (2000), nascido em 1904, em Campanário, onde residia na época da entrevista, o qual também participou da greve, e de Pedro Alfonso (2000), nascido em 1933, morador de Campanário.

REVISTA DIVERSIDAD DE LAS CULTURAS
Ciencias Sociales, Artes, Humanidades
Argentina... Brasil... Latinoamérica toda...
ISSN: 2718-8310
Vol. 6, N°1 (2026)

historicamente exerceu grande influência (Arruda, 1997; Gillen, 1991; Queiroz, 2019) – era determinante nesse campo da segurança pública.

Todavia, na época, se fez valer a legislação que, embora concedesse alguns direitos trabalhistas principalmente a operários urbanos,[3] não reconhecia o direito de greve e reprimia movimentos de trabalhadores considerados subversivos. Isso ocorria a despeito do discurso do governo de então, de Getúlio Vargas, que buscava cooptar o operariado. Em 1941 era vigente a ditadura do Estado Novo, regime que nomeou interventores para governar os estados.[4] Além disso, era refratário à Mate Laranjeira, um imenso latifúndio em região fronteiriça, contra o qual adotou várias medidas. Elas enfraqueceram a empresa, que, no final dos anos 1940, encerrou suas atividades, após a revogação de suas concessões de terras (Arruda, 1997; Gillen, 1991; Queiroz, 2019).[5]

Talvez por isso, é possível que a indenização (ou acerto de contas) citado por Candado tenha, de fato, ocorrido. Também por esse motivo, embora o aparato repressivo do Estado tenha sido acionado, as vidas dos trabalhadores foram resguardadas, na perspectiva apresentada por Mareco. A menção à frase proferida por tenente Paulo "[...] 'Não vou passar fogo, não' [...]" (Mareco, 2000: 160), não é fortuita. Ela parecer ter sido a superação do momento de incerteza, tensão e angústia vivido pelos trabalhadores, como bem frisou Candado, que chegaram a temer por suas vidas, como frisou Mareco. Depois de receberem garantias quanto às suas integridades físicas, a espera pela liberdade é narrada como permeada por alegria e serenidade. A menção à música e à diversão, nas memórias do narrador, seja essa situação imaginária ou não,[6] soa como um deboche à Companhia Mate Laranjeira, atestado de que sua estratégia de repressão não deu certo.

Na sequência, Mareco relatou que todos os trabalhadores foram liberados, gradualmente, dois a dois. Esse parece ter sido um recurso adotado pelas forças repressivas do Estado para

[3] Ressaltamos que, conforme defende Marcus Dezemone (2007), o campo não foi completamente esquecido pelas políticas trabalhistas iniciadas ainda na década de 1930. Além disso, os trabalhadores da região e do período estudado, o Sul de Mato Grosso da década de 1940, possuíam relações com o Paraguai e a Argentina. Os impulsos para as lutas sociais podem não apenas terem surgido de questões cotidianas dos ervais ou do contexto vivido no Brasil naquele período. Influências de movimentos empreendidos pelos trabalhadores dos países vizinhos também podem ter contribuído para a Greve de 1941, na Companhia Mate Laranjeira. Essa é uma questão que carece de maior pesquisa, para que possamos explorá-la adequadamente em trabalhos futuros.

[4] Sobre o Estado Novo e o trabalhismo de Getúlio Vargas, indicamos a leitura das obras de Ângela de Castro Gomes (2005), Dulce Pandolfi (2007), Joel Wolfe (1994), Jorge Ferreira (2001), Maria Helena Rolim Capelato (2007a, 2007b) e Marcus Dezemone (2007).

[5] Paulo Roberto Cimó Queiroz (2015) afirma que, no entanto, a produção ervateira perdurou até a década de 1960, quando a Argentina encerrou as importações do produto brasileiro.

[6] Já existe, no âmbito da história oral, extenso debate sobre a relevância de situações imaginárias ou até mesmo deliberadamente inventadas, nas memórias expressas por meio da história oral. Diferentes autores são enfáticos em pontuar que, mesmo não sendo os fatos narrados fidedignos, tais lembranças carregam significados, cujos sentidos são relevantes para o estudo da história. A esse respeito, ver, por exemplo: Alessandro Portelli (1993, 1996a, 1996b, 2004) e Janaina Passos Amado (1995).

REVISTA DIVERSIDAD DE LAS CULTURAS
Ciencias Sociales, Artes, Humanidades
Argentina... Brasil... Latinoamérica toda...
ISSN: 2718-8310
Vol. 6, N°1 (2026)

desarticular o movimento. O próprio narrador revela que, depois de sair da cadeia, não trabalhou mais na Mate Laranjeira, sem revelar, no entanto, se isso foi uma opção sua ou se havia sido demitido. Se empregou então em ervateiras independentes e ainda teve que pagar sua dívida com a Companhia, uma perspectiva menos otimista que a apresentada por Candado para o desfecho da greve.

Na sequência da narrativa, Mareco explica mais sobre a violência da Companhia contra seus trabalhadores e reforça o que já foi exposto aqui, com base nos relatos de Candado. Em suas palavras, "[...] eu nunca fugi, porque eles matavam e largavam no campo" (Mareco, 2000: 160), quem ousava deixar os ervais sem quitar suas dívidas. O narrador chama os comitiveiros de "cachorros", "puxa-sacos" e "pistoleiros" (Mareco, 2000: 160). Mesmo assim, afirma que: "[...] eu não me queixo deles, todos eram bom como eu, porque eu era um bom peão, né. Nunca apanhava" (Mareco, 2000: 160).

Essa fala de Mareco se alinha com outras, de vários trabalhadores entrevistados. Eles frisam que, embora as condições de trabalho fossem duras na Companhia Mate Laranjeira, ela "pagava bem". Tal perspectiva frustrou a equipe do projeto, que parecia querer construir uma visão mais crítica sobre a atuação da empresa.

Expressa essa contrariedade o prefácio da obra, redigido por uma convidada, Ana Lúcia E. F. Valente, antropóloga e docente da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, atuante no mestrado em educação, inclusive, e por uma das coordenadoras de pesquisa do projeto, Carla Villamaina Centeno. Segundo as autoras do Prefácio: "Aos desavisados, pode parecer surpreendente que no discurso desses trabalhadores não transpareça qualquer sentimento de dor ou de tristeza ao recordar de um passado tão duro, tão brutal, decorrente de necessidades históricas" (Valente; Centeno, 2000: XVIII). Elas ainda complementam: "[...] a memória apenas conta o que lembra e ferimentos cicatrizados nem sempre doem [...]" (Valente; Centeno, 2000: XVIII). Todavia, destacam que tal característica não diminui a importância do trabalho realizado e das memórias dos trabalhadores trazidas a público:

> O senso comum desses trabalhadores, trazidos agora ao público, é condição necessária para se construir esse conhecimento radical que, pensando o passado, possa propor uma nova concepção de mundo; que partindo do cotidiano vivido e de um contexto singular tenha alcance universal. (Valente; Centeno, 2000: XVIII).

Adotar uma perspectiva histórica mais crítica – e até mesmo vislumbrá-la como uma prática para a construção de uma nova sociedade – era possível a esse órgão do estado porque, na construção historiográfica regional sul-mato-grossense, a Companhia Mate Laranjeira é tomada não como elemento de progresso, mas de atraso para a região. A forma como ela tentava monopolizar os ervais e defendia violentamente seus privilégios, é entendida como algo negativo para a região. Isso porque as terras do então sul de Mato Grosso e seus ervais eram disputados por proprietários rurais migrantes, oriundos do Rio Grande do Sul, de acordo com a

REVISTA DIVERSIDAD DE LAS CULTURAS
Ciencias Sociales, Artes, Humanidades
Argentina... Brasil... Latinoamérica toda...
ISSN: 2718-8310
Vol. 6, N°1 (2026)

historiografia regional (Arruda, 1997; Guillen, 1991). Um avanço mais significativo da sociedade nacional, um acesso menos antidemocrático à terra, bem como um maior desenvolvimento econômico da região, somente ocorreria após o fim das operações da Companhia Mate Laranjeira.

De toda forma, concordamos com Valente e Centeno (2000), quando elas afirmam que tal característica não diminui a importância do projeto e das entrevistas dos trabalhadores. O material produzido é rico e seu conteúdo vai muito além do binômio dominação e resistência. Ele releva toda uma dinâmica que permeou a vida cotidiana dos trabalhadores, no período abordado, a qual não se restringe a tão somente visibilizar a relação deles com a empresa. Seus saberes para viver, comunicar e trabalhar na floresta, os lazeres e a vida religiosa, como já informamos anteriormente, ganharam relevo na obra.

De igual maneira, também está presente nos relatos o movimento de assentar-se à ordem vigente no período. Como afirma Arruda (1997), carregar sob o dorso sacos de erva mate, pesando mais de uma centena de quilos, correndo o risco de ter a coluna vertebral fraturada, muitas vezes era algo visto pelos trabalhadores como símbolo virilidade, e não de exploração. Crer que a empresa pagava bem, apesar de tudo, é um elemento indicativo não da alienação desses trabalhadores, mas de como toda aquela realidade era dura. As outras formas de trabalho então existentes eram permeadas pela superexploração dos trabalhadores, o que pode ajudar a explicar os êxitos da Companhia em mater esse sistema por quase um século.

Considerações finais

Em síntese, compreendemos que, ao tomar como fontes históricas narrativas produzidas no âmbito de projetos de história oral, precisamos dosar nossas expectativas. Nem sempre será possível ter acesso a todos os materiais produzidos em tais experiências, tais como os áudios, as transcrições completas, os cadernos de campo e demais documentos que acompanharam a realização de uma determinada iniciativa.

Todo projeto de história oral é desenvolvido com base em concepções específicas, que orientam toda sua trajetória de elaboração, desenvolvimento e arquivo. O ideal é termos em mãos, para a realização de nossas pesquisas, um material o mais farto possível para consulta. Entretanto, quando isso não é possível, entendemos ser necessário trabalharmos com aquilo que sobreviveu ao longo do tempo. Também é imprescindível levar em consideração tais elementos nas necessárias problematizações que precisam ser feitas com as fontes. A história oral, nesse sentido, também enfrenta as vicissitudes inerentes a outras tipologias documentais presentes nos arquivos, com as quais todo historiador precisa aprender a lidar.

Consideramos que o resultado de nossa insistência em não abandonar o material produzido pelo Arquivo Público do Estado de Mato Grosso do Sul, no âmbito do projeto “A história dos ervais

ISSN: 2718-8310
Vol. 6, N°1 (2026)

sob a ótica dos trabalhadores rurais", foi válido. Assim, tivemos acesso a um conteúdo inédito, um dos únicos a revelar possibilidades sobre como os trabalhadores da Companhia Mate Laranjeira interpretaram as relações de trabalho, as lutas sociais e demais elementos de suas vidas nos ervais fronteiriços, durante a primeira metade do século XX. Mesmo imperfeito, foi somente graças a esse acervo que pudemos superar a dependência exclusiva de narrativas sobre trabalhadores, elaboradas por sujeitos externos ao próprio grupo.

Referências

Afonso, P. (2000). Pedro Afonso. In Arquivo Público Estadual de Mato Grosso do Sul, *A história dos ervais sob a ótica dos trabalhadores rurais*. O Arquivo.

Amado, J. (1995). O grande mentiroso: Tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História, 14*.

Arquivo Público Estadual de Mato Grosso do Sul. (2000). *A história dos ervais sob a ótica dos trabalhadores rurais*. O Arquivo.

Arruda, G. (1997). *Frutos da terra: Os trabalhadores da Matte Laranjeira*. Editora da UEL.

Candado, V. (2000). Victor Candado. In Arquivo Público Estadual de Mato Grosso do Sul, *A história dos ervais sob a ótica dos trabalhadores rurais*. O Arquivo.

Capelato, M. H. R. (2007a). Estado Novo: Novas histórias. In M. C. Freitas (Org.), *Historiografia brasileira em perspectiva*. Contexto.

Capelato, M. H. R. (2007b). Estado Novo: O que trouxe de novo? In J. Ferreira & L. de A. N. Delgado (Orgs.), *O Brasil republicano: O tempo do nacional-estatismo, do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Civilização Brasileira.

Cardoso, H. H. P. (2004). Narrativas de um candango em Brasília. *Revista Brasileira de História, 24*(47).

Centurião, I. (2000). Idelfonso Centurião. In Arquivo Público Estadual de Mato Grosso do Sul, *A história dos ervais sob a ótica dos trabalhadores rurais*. O Arquivo.

Colodel, J. A. (1988). *Obrages e companhias colonizadoras: Santa Helena na história do oeste paranaense até 1960*. Prefeitura Municipal.

REVISTA DIVERSIDAD DE LAS CULTURAS
Ciencias Sociales, Artes, Humanidades
Argentina... Brasil... Latinoamérica toda...
ISSN: 2718-8310
Vol. 6, N°1 (2026)

Dezemone, M. (2007). Impactos da Era Vargas no mundo rural: Leis, direitos e memória. *Perseu: História, Memória e Política, 1*(1).

Ferreira, J. (2001). O nome e a coisa: Populismo na política brasileira. In J. Ferreira (Org.), *O populismo e sua história: Debate e crítica*. Civilização Brasileira.

Figueira, K. C. N. (2000). Introdução. In Arquivo Público Estadual de Mato Grosso do Sul, *A história dos ervais sob a ótica dos trabalhadores rurais*. O Arquivo.

Galvão, P. (2013). *Parque industrial*. Editora Cintra. (Obra original publicada em 1933).

Gomes, Â. de C. (2005). *A invenção do trabalhismo*. FGV.

Guillen, I. C. M. (1991). *O imaginário do sertão: Lutas e resistência ao domínio da Companhia Mate Laranjeira (Mato Grosso, 1890–1945)* [Dissertação de mestrado].

Langaro, J. F. (2019). *Quando o futuro é inscrito no passado: Literatura historiográfica, periodismo e memórias públicas da fundação de Toledo (PR), 1953–2011*. Editora da Imprensa Universitária.

Mareco, D. (2000). Délio Mareco. In Arquivo Público Estadual de Mato Grosso do Sul, *A história dos ervais sob a ótica dos trabalhadores rurais*. O Arquivo.

Pandolfi, D. (2007). Os anos 1930: As incertezas do regime. In J. Ferreira & L. de A. N. Delgado (Orgs.), *O Brasil republicano: O tempo do nacional-estatismo, do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Civilização Brasileira.

Portelli, A. (1993). Sonhos ucrônicos: Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto História, 10*.

Portelli, A. (1996a). A filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo, 1*(2).

Portelli, A. (1996b). O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): Mito e política, luto e senso comum. In M. de M. Ferreira & J. Amado (Orgs.), *Usos & abusos da história oral*. Editora da Fundação Getulio Vargas.

Portelli, A. (2004). "O momento da minha vida": Funções do tempo na história oral. In D. R. Fenelon, L. A. Maciel, P. R. de Almeida, & Y. A. Khoury (Orgs.), *Muitas memórias, outras histórias*. Olho d'Água.

REVISTA DIVERSIDAD DE LAS CULTURAS
Ciencias Sociales, Artes, Humanidades
Argentina... Brasil... Latinoamérica toda...
ISSN: 2718-8310
Vol. 6, N°1 (2026)

Queiroz, P. R. C. (2015). A Companhia Mate Laranjeira, 1891–1902: Contribuição à história da empresa concessionária dos ervais do antigo sul de Mato Grosso. *Revista Territórios & Fronteiras, 8*(1).

Thompson, E. P. (1981). *A miséria da teoria ou um planetário de erros: Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Zahar.

Thompson, E. P. (1987). *A formação da classe operária inglesa*. Paz e Terra.

Valente, A. L. E. F., & Centeno, C. V. (2000). Prefácio. In Arquivo Público Estadual de Mato Grosso do Sul, *A história dos ervais sob a ótica dos trabalhadores rurais*. O Arquivo.

Wachowicz, R. C. (1982). *Obrageros, mensus e colonos: História do oeste paranaense*. Editora Vicentina.

Williams, R. (1979). *Marxismo e literatura*. Zahar.

Wolfe, J. (1994). "Pai dos pobres" ou "mãe dos ricos"? Getúlio Vargas, industriários e construções de classe, sexo e populismo em São Paulo, 1930–1954. *Revista Brasileira de História, 14*(27).

REVISTA DIVERSIDAD DE LAS CULTURAS
Ciencias Sociales, Artes, Humanidades
Argentina... Brasil... Latinoamérica toda...
ISSN: 2718-8310
Vol. 6, N°1 (2026)

Jiani Fernando Langaro

Licenciado en Historia por la Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), máster en Historia Social por la Universidade Federal de Uberlândia (UFU) y doctor en Historia Social por la Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Profesor adjunto de la Facultad de Historia y miembro del cuerpo docente permanente del Programa de Posgrado (académico) en Historia (PPGH) y del Programa de Posgrado (profesional) en Enseñanza de la Historia (PROFHISTÓRIA), centro de la Universidad Federal de Goiás (UFG), en Goiânia, Goiás, Brasil. Becario de productividad de la FAPEG (Fundación de Apoyo a la Investigación del Estado de Goiás), Brasil.